www.portal.abant.org.br/evento/rba/32RBA ISBN: 978-65-87289-08-3

GT 78. Saberes, ciências e tecnologias insubmissas: o conhecimento que se produz nas margens

Coordenador(es):
Graciela Froehlich (UNB - Universidade de Brasília)
Rogerio Lopes Azize (UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

Sessão 1 - Engajamentos insubmissos
Debatedor/a: Rosana Maria Nascimento Castro Silva (UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

Sessão 2 - Corpos e tecnologias em disputas
Debatedor/a: Marcos Castro Carvalho (UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Sessão 3 - Desencontros e tensões entre práticas hegemônicas e contra-hegemônicas
Debatedor/a: Rafael Antunes Almeida (UNILAB - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira)

Com inspiração no tema da 32ª RBA, o GT visa reunir pesquisas interessadas em um certo tipo de insubmissão: a dos saberes, ciências e tecnologias produzidas nas margens da hegemonia, por vezes em situações de embate e resistência. São temas de interesse mais evidente etnografias sobre os conhecimentos emergentes que mirem a Ciência hegemônica desde uma perspectiva crítica; os estudos que relacionem os processos de produção científica e tecnológica a pressupostos e efeitos racistas, misóginos, capacitistas e heteronormativos; as ciências que se produzem em espaços e por sujeitos ditos “leigos” ou não autorizados, por vezes em tensão com marcos regulatórios; apreciações críticas de pressupostos teóricos, epistemológicos e metodológicos dos estudos sociais e da antropologia da ciência e da tecnologia; bem como as miradas analíticas que (re)pensem tais propostas a partir dos contextos de crimes/desastres socioambientais e do Antropoceno. Vamos acolher etnografias e ensaios de natureza teórica que, ao se voltarem para a antropologia da ciência e da tecnologia, fomentem diálogos entre a antropologia simétrica e as antropologias pós e decoloniais. A despeito da recusa de Bruno Latour e de outros proponentes da ANT de uma linguagem metasociológica e de apontamentos quanto à incompatibilidade de perspectivas, interessa-nos acompanhar Anderson (2009), Harding (1998; 2008) e Benjamin (2016) em seu esforço de pensar possíveis pontes entre as duas tradições de pensamento e pesquisa.

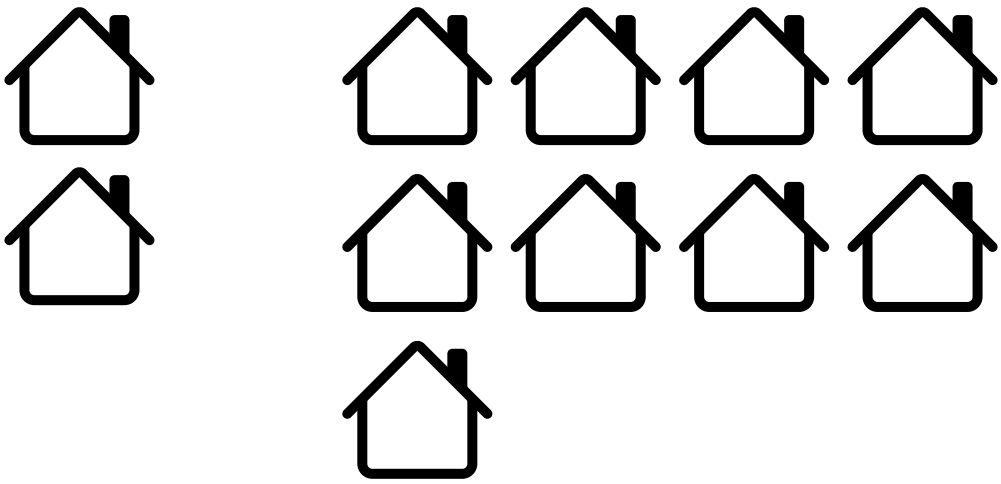
> **Do 'smoke report' ao laboratório farmacêutico: reflexões sobre os métodos de avaliação e agenciamento do consumo de cannabis no Brasil**
> **Autoria:** Yuri José de Paula Motta (UFF - Universidade Federal Fluminense)
> O paradigma ?médico-jurídico? é o saber que informa as normatividades e legislações relacionadas às drogas no Brasil e no mundo. Em pesquisas anteriores, busquei refletir através da interlocução com membros de uma associação canábica, localizada na cidade do Rio de Janeiro, sobre a diferença entre o consumo maconha social/recreativo e o terapêutico/medicinal, construindo dados socioantropológicos que demonstram a fragilidade de tal paradigma ao estabelecer um controle sobre a maconha no Brasil. Esta fragilidade pode ser percebida justamente através das fronteiras legais e ilegais que classificam a cannabis, podendo ser hora ?remédio?, hora ?droga?. Durante o work de campo estabeleci diálogo com pacientes e usuários que cultivam cannabis para diversos fins. Dessa maneira, tive a oportunidade de observar múltiplos ambientes, moralidades, finalidades, efeitos e substâncias que se movem em um circuito de atores que compartilham

 ISBN: 978-65-87289-08-3

saberes, técnicas e conhecimentos práticos em torno da maconha, seja para fins terapêuticos, ou não. Focado nos saberes empíricos e práticos dos consumidores, acabei por deixar de lado conhecimentos científicos que estão presentes no cotidiano dos atores entrevistados, portanto, meu objetivo neste work é construir dados através da realização de entrevistas com pesquisadores, farmacêuticos e cientistas que trabalham com a cannabis Rio de Janeiro. A qualidade final da flor da cannabis, consumida para ambos tipos de uso (social ou terapêutico), é sobretudo um sistema classificatório que varia de acordo com a forma de como a planta foi cultivada, colhida e armazenada. Tal qualidade pode ser definida tanto a partir de conhecimentos práticos que implicam o consumo e o cultivo, quanto a partir do conhecimento científico onde são realizadas experimentações laboratoriais. Meu objetivo é compreender os métodos de avaliação e medição dos efeitos psicoativos presentes na planta Cannabis Sativa L, adotados por consumidores e pesquisadores. Portanto, viso a observar, descrever e comparar as práticas de ambos tipos e consumidores e além disso, as práticas de pesquisadores e farmacêuticos que utilizam de procedimentos científicos para classificar as cepas, informando a legitimidade e eficácia do consumo para tratamentos terapêuticos. Qual a relação entre a experimentação cientifica e a experimentação prática, e consequentemente, qual a importância da pesquisa acadêmica para o cotidiano das pessoas que utilizam a substância? Minha proposta é entrevistar e estabelecer interlocução com pacientes, usuários, e principalmente, pesquisadores, farmacêuticos e cientistas, a fim de compreender a construção dos sistemas classificatórios, como estas classificações influenciam no consumo e como os atores justificam as suas práticas.

 ISBN: 978-65-87289-08-3

Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização: **Apoio:** **Organização:**